

**FERNANDA VASCONCELOS (UPE- RECIFE, PE, Brasil-
fernanda.avasconcelos@upe.br)**

INTRODUÇÃO

Não obstante o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa sejam organizados a partir dos eixos norteadores da oralidade, da leitura e da escrita, pautados em documentos oficiais como os currículos Estaduais, Municipais e a BNCC, a oralidade é o eixo de ensino menos prestigiado na educação básica (Góis; Leal, 2021, p. 13).

Muitas vezes o que se propõe em sala de aula são situações de oralização descontextualizadas das realidades sociais dos estudantes envolvidos, como leitura em voz alta de textos oriundos de gêneros escritos, o que coaduna com o pensamento de Dolz e Schneuwly (2004, p. 149), ao afirmar que

“embora a linguagem oral seja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura, nas instruções, nas correções de exercícios etc.) afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente, durante atividades diversas e pouco controladas”

As práticas efetivas que contribuem para o ensino e aprendizagem de oralidade e dos gêneros relacionados ocorrem quando buscamos situar em nossas aulas, situações imbricadas ao cotidiano dos estudantes e que os façam refletir sobre diferentes contextos de uso dos textos orais, conforme citado na BNCC. Para tanto, escolhemos o gênero oral lenda urbana, por entendermos que se trata de um gênero firmado na cultura da tradição oral e está presente na vida dos estudantes em diversos contextos, tanto nas contações de histórias em ambiente escolar, como em rodas de conversa familiares e na interlocução entre amigos.

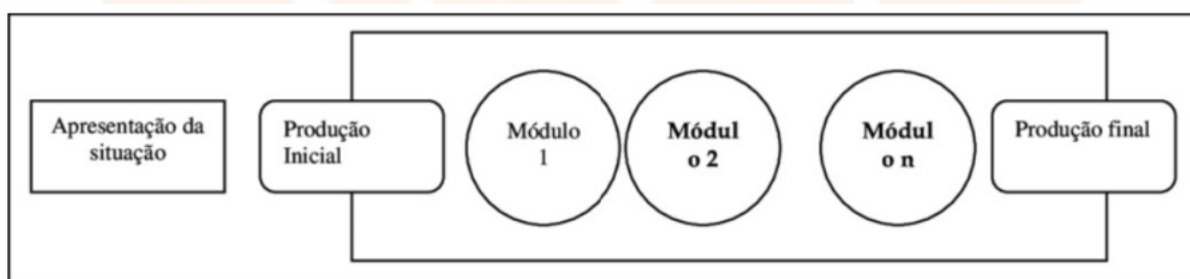
Levando-se em consideração os fatos supracitados e compreendendo a lenda urbana como um gênero oral que faz parte do imaginário popular com histórias que trazem na sua estrutura elementos reveladores do fantástico, do sobrenatural e do extraordinário, tivemos como objetivo analisar como os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos contribuem para práticas de oralidade na EJA, a partir do gênero lenda urbana.

Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, pois esse método “acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais a partir do seu interior, de diferentes formas” (Flick, 2007 *apud* Paiva, 2019, p. 13).

Compreendemos que a pesquisa qualitativa engloba uma ação participativa e efetiva dos sujeitos, além de promover momentos de reflexão em busca de melhorias para questões sociais. Em vista disso, optamos pela natureza da pesquisa-ação, por ela apresentar, segundo Burns (1987 *apud* Paiva, 2009, p.72), características como: conhecimento teórico e prático sobre a situação; postura de mudança contínua; autodesenvolvimento e produção de conhecimento.

Com foco nas práticas de ensino e aprendizagem da oralidade, propusemos uma sequência didática baseada no conceito de Schneuwly e Dolz (2004, p. 98), cujo modelo considera elementos como apresentação, produção inicial, módulos e produção final, de acordo com o esquema apresentado no quadro a seguir:



Fonte: Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004, p. 98)

A partir disso, levamos 4 lendas urbanas (*A menina sem nome*, *A emparedada da Rua Nova*, *Branca dias* e *O papa-figo*), apresentamos as versões iniciais destas histórias em vídeos do youtube e gravação de podcasts com o propósito dos alunos conhecerem novas versões dessas histórias que fazem parte do cotidiano deles.

Foram realizados 5 encontros, somando 16 horas –aulas, onde discutimos as situações trazidas pelas lendas apresentadas e criamos um podcast, intitulado *De gelar a espinha*. Nele, constam os relatos orais dos alunos contando suas experiências e conhecimentos sobre as lendas urbanas, agregando os novos aprendizados do que foi visto nas exposições em sala de aula, durante a aplicação da sequência.

Resultados e discussão

A partir da apresentação das lendas e dos relatos produzidos pelos alunos, tanto em sala de aula quanto na gravação do podcast, podemos perceber que houve forte engajamento na produção dos relatos orais. Isso ocorreu porque o enredo das histórias envolve elementos como o tom de suspense; a narrativa se passa em um espaço que pode ser familiar aos sujeitos envolvidos; e a proximidade entre o real e o imaginário possibilita aos estudantes contarem e recontarem as narrativas, acrescentando-lhes novas informações, além de analisar elementos paralinguísticos e cinésicos — fatores que não podem ser reproduzidos na escrita (Marcuschi, 2008, p. 17).

Observamos também que os estudantes perceberam uma forte relação entre as histórias apresentadas nas lendas urbanas e o contexto atual em que vivemos. Na lenda do *Papa-figo*, foram identificadas questões como tráfico de órgãos, uma vez que na história real, o homem que carregava o saco saía às ruas mandado pelo senhor de engenho, que tinha problemas hepáticos e, segundo uma curandeira, só ficaria bom se sua alimentação incluísse fígado de criança. Para os alunos, essa captura de inocentes, para retirada do referido órgão é semelhante à forma como, hoje em dia, as pessoas burlam as filas de transplante para serem favorecidas.

Na lenda *A menina sem nome*, os novos dados trazidos pelas reportagens exibidas no programa Fantástico mostraram que se tratava de uma garota negra. A partir daí, os alunos começaram a associar o fato do desaparecimento a questões de cunho racista, que, talvez, se fosse uma menina de pele branca, o interesse por procurar o verdadeiro culpado fosse maior. Também mencionarem que, o fato de ser uma menina em situação de rua, contribuiu para uma investigação menos apurada sobre o caso. Foi uma das exibições mais sensíveis de se apresentar, uma vez que os estudantes ficaram muito emotivos por se tratar de uma história envolvendo criança.

Com temáticas que abordam racismo, machismo, desigualdade social, feminicídio, a *Emparedada da rua nova trouxe* fatos que contribuem para a percepção de que as lendas não são apenas histórias que surgem do imaginário popular sem nenhuma conexão com o mundo real. As mulheres presentes na sala, durante a exibição da lenda e posterior discussão, aproveitaram para relatar casos de violência doméstica ocorrida com elas e com pessoas próximas, fato que acentua a importância da exploração do caráter histórico, sociológico e antropológico da lenda urbana.



Por fim, nas discussões sobre a lenda *No Riacho da Prata*, mais conhecida como a lenda de *Branca Dias*, houve significativa percepção dos estudantes sobre o protagonismo feminino da personagem que dá o nome à lenda. Ademais, questões de cunho popular, que remetem aos festejos juninos da região nordeste, como a simpatia para saber com quem a mulher iria casar-se, motivaram uma discussão sobre a importância do casamento no século XVI e atualmente, com ênfase sempre no papel que a mulher desempenha.

Conclusões

Os recursos linguísticos favorecem a construção de sentidos nas práticas de oralidade com lendas urbanas.

Os elementos cinésicos contribuem para a interação dialógica entre os participantes.

Os elementos paralinguísticos ampliam a expressividade nos relatos orais sobre lendas urbanas.

Palavras-chave: práticas orais; sequência didática; narrativas

Referências Bibliográficas

BURNS, Anne. *Doing action research in English language teaching: a guide for practitioners*. New York: Routledge, 2010.

CAVALCANTE, Marianne B.; MENDONÇA, Márcia; SANTOS, Carmi Ferraz. *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.